



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7115 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

### ALMAS REBELDES: INSURGÊNCIAS POÉTICAS JOVENS E OS NOVOS DESAFIOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Lucas Alexandre Pires - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - CAMPUS DE RIBEIRÃO PRETO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **ALMAS REBELDES: INSURGÊNCIAS POÉTICAS JOVENS E OS NOVOS DESAFIOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA**

O presente artigo aborda as transformações da humanidade na transição para uma vida pós-orgânica, com o impacto da pandemia COVID-19 e o modo pelo qual os jovens das periferias buscaram adaptar suas ações coletivas (SPOSITO et al., 2020), refletindo sobre o confinamento de seus corpos e a digitalização de suas almas (SIBILIA, 2015). Observando as ações coletivas jovens através dos saraus e batalhas de poesia, abordo o como construíram espaços de fala e escuta a nível local e global, contribuindo para processos de subjetivação híbridos, orgânicos e digitais, utilizando da arte enquanto mecanismo de subversão da ordem normativa dos algoritmos imposta pela matriz (MELUCCI, 1999; REGUILLO, 2017; BERARDI, 2020). Por fim, trato dos novos desafios e possibilidades da pesquisa etnográfica sobre a juventude no contexto pandêmico, aproximando etnografia e algoritmo como meios de tradução da vida social, onde a primeira pode contribuir para o questionamento dos mecanismos hegemônicos de controle e poder impostos pelo segundo.

Na última década, a humanidade experimentou a eclosão de movimentos políticos tecnopopulistas conservadores e de tendências antidemocráticas com o advento das novas tecnologias, utilizando o ódio como meio político de mobilização, a manipulação de dados e uso teleguiado de *fakenews*. Tais movimentos destacaram o papel das redes sociais nos processos de digitalização da política, produzindo uma desconfiança nos sentidos agora sujeitos ao que Berardi (2020) identificou como uma mutação cognitiva de simplificação da linguagem, por meio de *emoticons* e frases em caixa alta, que impôs padrões normativos de silenciamento a minorias pelas forças hegemônicas que controlam os servidores da matriz.

Contrários a estes processos, os jovens das periferias brasileiras, cuja geração foi gestada no ambiente virtual, deram início a movimentos e ações coletivas objetivando disputar territórios dominados pelas elite, ocupando espaços públicos como ruas, praças e patrimônios históricos, e transmitindo ao vivo suas ações no ambiente virtual onde os algoritmos ditam padrões hegemônicos de beleza, heteronormatividade e de branquitude, na busca por *hackea-los* – ações coletivas estas que Reguillo (2017) denominou como paisagens insurgentes, cujas zonas de intensificação afetiva conectariam sujeitos a partir de pautas

identitárias comuns em ocupações síncronas de ambientes orgânicos e digitais.

Exemplos destes movimentos de ação coletiva podem ser encontrados nos saraus promovidos em praças públicas onde ocorrem as competições de *Slam Poetry* ou “batalhas de poesia”. Neles, jovens poetas realizam performances que unem corpo, palavra e ação com o objetivo de questionar a realidade em que estão imersos em termos de relações de gênero, questões étnico-raciais e de desigualdade social, subvertendo as normativas linguísticas a partir de uma insurgência poética que distorce os impactos da simplificação cognitiva e dá vida ao corpus social, mobilizando corações e mentes do público em disputas lúdicas e leituras rebeldes do real, transmitidas simultaneamente das praças para expectadores *on-line* nas redes sociais (CULLELL, 2018; SILVA e LOSEKANN, 2020).

Mas com a eclosão da pandemia COVID-19 e o confinamento dos corpos perecíveis ao novo coronavírus, experimentamos o gradual processo de digitalização das almas descrito por Sibília (2015), onde a existência humana se tornara simultaneamente orgânica e digital, e que Haraway (2013) elencou como nossa nova condição ciborgue. Segundo a autora, o ciborgue seria um ser híbrido humano/máquina, cuja parte orgânica se conecta com uma prótese mecânica/eletrônica/digital, capaz de realizar leituras e traduções de seus impulsos para emular e prever movimentos/interações, recriar perfis psíquicos e reproduzir a vida em um ambiente digital, impondo controle ao organismo a partir de novas relações de poder e dominação algorítmica.

Impossibilitados de ocupar territórios na realidade orgânica, os jovens poetas passaram a disputar os territórios digitais, criando conteúdos próprios, disseminando informações e compartilhando experiências a nível local e global, recriando os saraus no ambiente virtual e contestando a tradução algorítmica de suas performances que impõe censura a exposição de seus corpos e vozes. Pela arte, os jovens poetas passaram a resistir e mobilizar estratégias de autoinclusão democrática, produzindo ambientes híbridos de subjetivação propícios ao exercício da fala franca enquanto sujeitos de si (FOUCAULT, 2013), *hackeando* a matriz para dar visibilidade às suas pautas (REGUILLO, 2017).

Contudo, observar e decodificar estas metamorfoses da vida híbrida contemporânea se torna um desafio metodológico para os pesquisadores (BECK, 2018). Neste sentido, a etnografia emerge como possibilidade de decifrar as estruturas hegemônicas e tecnológicas de poder, na medida em que, assim como os dispositivos *hightech*, possibilita ao pesquisador realizar um processo de tradução da vida e da cultura (WAGNER, 2010), não necessariamente pautado na conectividade, como os perfis digitais que emulam a vida real no ambiente digital, mas sim pela conjuntividade que enleia as vidas, os sentidos, as ações promovidas pelos sujeitos na realidade orgânica e que, similares à poética, são impossíveis de serem interpretados pelos algoritmos maquínicos (BERARDI, 2020).

Por sua capacidade de adaptação às circunstâncias do mundo empírico, a etnografia possibilita a realização do trabalho de campo *on* e *off-line* (SOILO, 2017), com o registro dos modos pelos quais os jovens insurgem poeticamente enquanto atores políticos e promotores de ações coletivas híbridas, através de arranjos adaptados à realidade pós-orgânica na qual adentramos de modo acelerado com o advento da pandemia COVID-19. É sobre estas complexas relações que enleiam o mundo contemporâneo, as novas formas rebeldes de ação coletiva jovem e os novos desafios metodológicos de pesquisas sobre a juventude que este artigo pretende explorar.

**Palavras-chave:** Juventude. Ação coletiva. Pandemia. Insurgência Poética. Etnografia.

## REFERÊNCIAS

- BECK, U. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018
- BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- CULLELL, Diana. “¿De lo bélico a lo poético? El poetry slam y su lucha feroz em defesa de la poesia”. Kamchatka. *Revista de análisis cultural* 11 (Julio 2018): 239-257.
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros: curso dado no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- HARAWAY, DONNA. Manifesto ciborgue: Ciência e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU (Orgs.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MELUCCI, Alberto. *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, 1999.
- REGUILLO, Rossana. *Paisajes Insurrectos: Jóvenes, redes y revueltas em e lotoño civilizatório*. Ned Ediciones, 2017.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- SILVA, Caio Ruano da; LOSEKANN, Cristiana. Slam Poetry como confronto nas ruas e nas escolas. *Educ. Soc.*, Campinas, v.41, e228382, 2020.
- SPOSITO, Marilia Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Clara. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. *Educ. Soc.*, Campinas, v.41, e2248732, 2020
- SOILO, Andressa Nunes. *Políticas Etnográficas e Resistência Ciborgue: os Programas de Compartilhamento de Arquivos em Perspectiva*. Trabalho apresentado na VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, São Paulo, 2017.
- VIRÍLIO, Paul. *Speed and Politics*. Semiotex(e). Los Angeles, 2006.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.